**UNIVERSIDADE COMO ESPAÇO SOCIAL PRIVILEGIADO E O ESTUDANTE COM DEFICIÊNCIA**

Suellen Teixeira Nascimento

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

**Resumo**

O ensino superior brasileiro teve como objetivo, ao ser criado, atender as demandas da elite social e econômica do país. No decorrer dos anos, tem-se buscado tornar esse segmento de ensino acessível aos outros grupos, no entanto, apesar de o ingresso de pessoas historicamente excluídas estar ocorrendo, a universidade continua se configurando como espaço social privilegiado. Neste trabalho, por meio de entrevistas e da revisão de literatura, buscamos discutir o processo de inclusão de alunos com deficiência ou condições atípicas ao desenvolvimento no ensino superior, e os seus desdobramentos, a partir das experiências dos próprios estudantes. Foi possível perceber que se por um lado a chegada desses discentes na universidade tem sido, em grande parte, um desafio para as instituições, por outro lado, a vivência do ensino superior foi apontada pelos estudantes como um espaço de crescimento, conscientização e de realização de sonhos que antes pareciam impossíveis para corpos com limitações.

**Palavras Chaves**: Ensino superior; estudante com deficiência; educação inclusiva.

*Introdução*

A universidade brasileira carrega a tradição de ter nascido para uma elite selecionada e se associa aos fortes processos de ingresso para beneficiar aqueles cuja cultura universitária brasileira elege para chegar ao ensino superior. Ter o diploma de nível superior no Brasil, remete a alcançar boas oportunidades e remunerações, além da valorização social, o que acabou por privilegiar os estudantes das camadas mais favorecidas da sociedade.

A partir de meados da década de 1990, uma série de medidas foi implementada para que grupos como pobres, pretos, oriundos de escola pública, pessoas com deficiência, entre outros, que permanecem sem acesso à universidade, pudessem ingressar neste segmento. Dentre as medidas, destacamos as Políticas Afirmativas de Reservas de Vagas, o Programa Universidade para Todos (PROUNI) e o Fundo de Financiamento Estudantil (FIES).

Nos últimos anos temos observado um aumento significativo no número de estudantes com deficiência no ensino superior. Sabemos que o percurso de escolarização desses estudantes é complexo e que sua entrada na universidade pode se tornar ainda mais complicada, porém, esse processo não se apresenta apenas difícil para o aluno, mas também para a própria Instituição de Ensino Superior (IES). Esta pode apresentar uma cultura seletiva, excludente e engessada em vários aspectos, como no pedagógico e no organizacional, afetando não só os alunos com deficiência, mas os universitários em geral.

Transposto o desafio de passar pelos processos seletivos de ingresso à universidade, como os vestibulares e o ENEM[[1]](#footnote-1), os educandos com deficiência se deparam muitas vezes com a *inclusão marginal* entendida por Martins (1997, p.26) “como o conjunto das dificuldades, dos modos e dos problemas de uma inclusão precária e instável, marginal”. O autor argumenta que a inclusão proposta pela sociedade deve ser debatida continuamente, pois se apresenta de maneira excludente, inadequada, insuficiente, gerando novos processos excludentes e mais desigualdade.

Para o acesso de pessoas com deficiência no ensino superior, são necessários outros esforços, para que, além das barreiras econômicas e sociais, as de acessibilidade – atitudinais, comunicacionais, arquitetônicas, natural, programática, instrumental e metodológica – sejam transpostas.

A UERJ por meio da Lei 4.061/2003 (Rio de Janeiro, 2003a) se tornou uma das pioneiras no uso de cotas no vestibular como forma de ingresso ao ensino superior de pessoas com deficiência. A partir da experiência da Instituição, torna-se possível refletir sobre como as políticas de ações afirmativas podem promover o acesso a uma formação acadêmica de qualidade e contribuir para a efetiva transformação social.

Para tal, tendo em vista os quesitos da pesquisa qualitativa, utilizamos como ferramenta para obtenção de informações de cunho científico, na presente pesquisa, a entrevista, que, de acordo com Marconi e Lakatos (1999), diz respeito ao encontro entre dois indivíduos com o intuito de que um deles obtenha informações a respeito de um determinado tema. Em conformidade com as ideias de Müller e Glat (1999), compreendemos que a partir da escuta daquilo que os indivíduos têm a dizer, nos é permitido conhecer e entender a realidade desses sujeitos.

Sendo assim, com o intuito de conhecer como os estudantes com deficiência da UERJ compreendem a realidade que vivenciam na Universidade, realizamos entrevistas com 12 participantes. Para este trabalho utilizamos como recorte nos relatos desses discentes, as características humanas, que se referem ao relacionamento com professores, colegas e servidores da Instituição. Os sujeitos da pesquisa são alunos com deficiência dos cursos de graduação presenciais da UERJ, *campus* Maracanã, com matrícula ativa em 2020.1, sobre os quais buscamos compreender como as experiências de tessituras de solidariedade e de convivências influenciam o seu processo de inclusão neste segmento de ensino.

*A experiência de estudantes da Uerj*

Comumente, as pessoas com deficiência se deparam, em seu cotidiano, com atitudes de preconceito, discriminação e exclusão. Omote (2005, p.388) destaca que “o meio social representado por diferentes segmentos se constitui em um dos fatores mais decisivos para a construção da educação inclusiva”, ou seja, as interações socioeducacionais podem determinar a presença ou não de pessoas com deficiência no ambiente acadêmico.

 A relação com os docentes no espaço universitário é apontada pelos discentes entrevistados como uma experiência de receptividade e acolhimento.

*Isso varia muito, porque assim tem um processo que é natural, é o processo de identificação maior com certos professores, né? E eu sou uma pessoa que eu tenho uma facilidade de me comunicar assim. Eu tenho um problema pra começar a me comunicar, mas uma vez que eu começo, eu consigo levar tranquilamente uma conversa, então esses professores que a gente ganha mais afinidade e tal****, eu consegui estabelecer uma relação muito boa*** *e aí consequentemente até conforme você vai estabelecendo uma relação melhor, o próprio professor vai tendo mais facilidade de adaptar o método dele pra funcionar contigo.* (André, deficiência visual, Letras Port./Esp.)

*Eu me senti muito acolhida pelos professores. Todos eles me trataram com muito carinho, com muita atenção. Alguns, é claro, a gente se achega mais, outros nem tanto, são mais reservados, mas até agora não tive nenhum professor que me destratou por conta da minha deficiência, a princípio*. (Kelly, deficiência física, Ed. Física)

Em relação aos colegas, o contato entre os estudantes com deficiência e seus pares são marcados, segundo Ribeiro e Gomes (2017), por signos e simbolismos que podem despertar a atenção ou provocar o afastamento entre esses sujeitos. Acreditamos que essas relações podem ainda demonstrar claramente, em alguns casos, o estigma e a discriminação em relação à pessoa com deficiência.

*Fiz amizade, ainda bem! A UERJ une as pessoas certas.* (Lia, deficiência física, Jornalismo)

*[...] já tive situações dentro de um coletivo, de uma aula prática, onde o professor tinha passado uma atividade e dividido em grupos e a bola tinha que passar por todos do grupo. E assim, pra mim, qualquer jogo de bola com a mão é um pouco complicado, porque você não vai segurar a bola, dependendo do tamanho, com uma mão só. Então como eu não tenho a outra, sempre é um pouco mais dificultoso.* ***A bola não chegava em mim.*** *Inclusive foi na aula de handebol, a bola não passava por mim, e até então eu achava que era só uma tática de jogo, mas aí eu comecei a perceber que a bola ia pro gol* ***sem passar por mim****. E não era a regra, a regra era ter que passar por todos. Aí o professor parou a aula, ele já tinha percebido, mas não tinha dito nada, e falou o que estava acontecendo. Que a bola não estava chegando em mim e que estava quebrando a regra,* ***e aí eu percebi que não era sem querer, era intencional.*** *Justamente porque se passasse por mim a probabilidade de cair no chão seria maior.* (Kelly, deficiência física, Ed. Física)

Os servidores não docentes da UERJ são responsáveis pelo atendimento às demandas de docentes, alunos e público em geral da Universidade. Perguntamos aos estudantes entrevistados como eles avaliam o atendimento prestado pelos servidores.

*A maioria dos funcionários me atende bem, houve alguns episódios em que fui prejudicado por pormenores burocráticos, mas por parte do atendimento dos funcionários não houve nenhum problema.* (Félix, autismo, Geografia)

*Olha, é complicado porque na própria FCS, eu já fui na ouvidoria reclamar do funcionário da FCS, que não tem paciência, que não quer te ouvir, que parece que não quer trabalhar. Tipo assim "se vira" eu estava com problema na inscrição de disciplina, o cara em vez de me ajudar ele falou: "Ah é isso, no próximo período você faz, para de reclamar". Como assim?! Entendeu? Então acho que falta um pouco de boa vontade mesmo, de cumprir a tarefa. Não sei se pela aquela estabilidade, funcionário público, ser mais velho não sei o quê.* (Hermes, deficiência auditiva, Jornalismo)

*Considerações*

O breve recorte das narrativas nos permitiu identificar que a colaboração dos sujeitos envolvidos no ambiente acadêmico é essencial para a plena participação, ou não, dos alunos com deficiências no contexto em que se inserem. Nesse sentido, Pieczkowski e Naujorks (2014) salientam que não é a deficiência em si que gera a exclusão, e sim o que ela representa para a sociedade. Na concepção das autoras, os sujeitos com deficiência são categorizados e estigmatizados por sua deficiência, independentemente do seu grau de comprometimento e de suas habilidades. Pela ausência de um membro, a aluna de Educação Física, Kelly, teve sua participação no jogo invisibilizada.

Ribeiro e Gomes (2017) salientam que a resistência à inclusão ocorre em diversos setores da sociedade e que são geradas por preconceito, desinformação e inflexibilidade dos modelos educacionais. Essa resistência, segundo os autores, é fomentada e difundida no meio social, o que dificulta a inclusão educacional dos estudantes com deficiência. Compreendemos, dessa forma, que cooperação dos pares, professores, servidores/funcionários, é essencial para que os discentes, como um todo, superem as barreiras que possam emergir no cotidiano e participem plenamente do contexto universitário, para que cada vez mais pessoas ocupem este espaço.

*Referências*

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Técnicas de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 1999.

MARTINS, José de Souza. *Exclusão social e a nova desigualdade*. São Paulo: Paulus, 1997.

MÜLLER, Tânia Mara Pedroso; GLAT, Rosana. *Uma professora muito especial.* Rio de Janeiro: Editora Sette Letras, 1999.

OMOTE, Sadão et al. Mudança de atitudes sociais em relação à inclusão.*Paidéia*, Marília, v. 15, n. 32, p. 387-396, 2005.

PIECZKOWSKI, Tania Mara Zancanaro; NUJORKS, Maria Inês. Inclusão no ensino superior: discursos e expectativas de estudantes com deficiência. In: PIECZKOWSKIM, Tania Mara Zancanaro; NAUJORKS, Maria Inês (Orgs.). *Educação, inclusão e acessibilidade*: diferentes contextos. Chapecó: Argos, 2014. p. 129-161.

RIBEIRO, Disneylândia Maria; GOMES, Alfredo Macedo. Barreiras Atitudinais sob a ótica de estudantes com deficiência no ensino superior. *Revista Práxis Educacional*, Vitória da Conquista, v. 13, n. 24, p. 13-31, jan 2017.

RIO DE JANEIRO. Lei nº 4061, de 02 de janeiro de 2003.Dispõe sobre a reserva 10% das vagas em todos os cursos das universidades públicas estaduais a alunos portadores de deficiência. *Diário* Oficial do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003a. Disponível em: <https://gov-rj.jusbrasil.com.br/legislacao/90841/lei-4061-03.>. Acesso em: 12 abr. 2024.

1. Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) é uma prova que tem por objetivo avaliar o desempenho do estudante ao fim da escolaridade básica, seu resultado é usado por muitas instituições como critério de seleção para o ingresso no ensino superior. [↑](#footnote-ref-1)